

METRÓPOLE E ARQUITETURA: o edifício-passagem modernista no Recife, 1950-1965

METRÓPOLIS Y ARQUITECTURA: el edificio del pasaje modernista en recife, 1950 – 1965

METROPOLIS and ARCHITECTURE: the modernist passage building in recife, 1950 – 1965

LAPROVITERA, ENIO

Doutor, UFPE, eniolaprovitera@uol.com.br

MOREIRA, FERNANDO DINIZ

Doutor, UFPE, fernando.diniz.moreira@gmail.com

FERRAZ, BRUNO

Doutorando, ULisboa, bferraz@hotmail.com.br

RESUMO

O artigo aborda a materialidade arquitetônica da metrópole com foco nas galerias-passagens da cidade do Recife. A cidade, amplamente estudada pela expansão urbana e verticalização, é analisada aqui pela permeabilidade urbana, representada pelos edifícios-passagem. A partir dos anos 1950, observa-se a construção de diversos edifícios modernistas na área central do Recife cujas características incluem áreas edificadas e protegidas para o pedestre ao longo das vias públicas ou no interior do lote, fazendo surgir uma nova tipologia arquitetônica: o edifício-passagem. Esse tipo de edifício aparece no tradicional bairro da Boa Vista, é exemplo da arquitetura modernista dos anos 1950 dotada de uso misto e galeria de passagem, e sua localização reproduz os locais preferenciais de instalação das clássicas passagens parisienses do século XIX, uma vez que se situam na área central da cidade dotada de habitação e comércio e ficam próximas a importantes equipamentos culturais como, no caso do Recife, o Teatro do Parque e o Cinema São Luís, este localizado no térreo do Edif. Duarte Coelho. Na verdade, assiste-se nesse período à consolidação de todo um ambiente urbano de características metropolitanas, com grandes avenidas e edifícios verticais modernistas, dentre esses os edifícios-passagem. Estes, através das suas galerias de lojas, além de propiciar uma ampliação da área de vitrine comercial do Bairro da Boa Vista, oferecem aos pedestres uma oportunidade de percursos alternativos aos grandes eixos urbanos, consolidando tanto um espaço de *flânerie* e deriva urbana quanto de abrigo à nova experiência de multidão e anonimato que bem fundam a metrópole moderna.

PALAVRAS-CHAVE: edifício-passagem; uso misto; galeria; metrópole; arquitetura moderna

RESUMEN

El artículo aborda la materialidad arquitectónica de la metrópoli con foco en las galerías de paso de la ciudad de Recife. La ciudad, ampliamente estudiada por la expansión y la verticalización urbana, se analiza aquí por la permeabilidad urbana, representada por los edificios de paso. A partir de la década de 1950, se observó la construcción de varios edificios modernistas en la zona central de Recife, cuyas características incluyen áreas urbanizadas y protegidas para los peatones, ya sea a lo largo de la vía pública o incluso dentro de la parcela, dando lugar a una nueva Tipología arquitectónica: el edificio-pasillo modernista. Este tipo de edificio aparece en el tradicional barrio de Boa Vista, es un ejemplo de arquitectura modernista de los años 50, dotado de uso mixto y galería de paso, e incluso su ubicación reproduce las ubicaciones preferidas para la instalación de los clásicos pasos parisinos del siglo XIX. siglo, ya que están ubicados en la zona central de la ciudad con vivienda y comercio y están cerca de importantes equipamientos culturales como, en el caso de Recife, el Teatro do Parque y el Cine São Luís ubicados en la planta baja del Edif. Duarte Coelho. De hecho, durante este periodo asistimos a la consolidación de todo un entorno urbano de características metropolitanas, con grandes avenidas y edificios verticales modernistas, incluidos los edificios de entrada. Éstos, a través de sus galerías comerciales, además de proporcionar una ampliación del área de escaparate comercial del barrio de Boa Vista, ofrecieron a los peatones una oportunidad de recorridos alternativos hacia los principales ejes urbanos, consolidados, a la vez un espacio de *flânerie* y de deriva urbana. así como refugio de la nueva experiencia de multitudes y anonimato que son los cimientos de la metrópolis moderna.

PALABRAS CLAVE: construcción de pasajes; uso mixto, galería, metrópoli, arquitectura moderna

ABSTRACT

The article addresses the architectural materiality of the metropolis with a focus on the passage galleries in the city of Recife. The city, widely studied by urban expansion and verticalization, is analyzed here by urban permeability, represented by passage buildings. From the 1950s onwards, the construction of several modernist buildings was observed in the central area of Recife, whose characteristics include built and protected areas for pedestrians along public roads or inside the lot, giving rise to a new architectural typology: the modernist passage building. This type of building appears in the traditional Boa Vista neighborhood, it is an example of Brazilian modernist architecture from the 1950s, equipped with mixed use and a passage gallery, and its location even reproduces the preferred locations for the installation of classic Parisian covered passages from the 19th century, since they are located in the central area of the city with housing and commerce and are close to important cultural facilities such as, in the case of Recife, the Parque Theater and Cinema São Luís located on the ground floor of the Duarte Coelho building. In fact, during this period



REVISTA

PROJETAR

Projeto e Percepção do Ambiente
v.10, n.3, setembro de 2025

we witnessed the consolidation of an entire urban environment with metropolitan characteristics, with large avenues and modernist vertical buildings, including the passage buildings. These buildings, through their shopping galleries, in addition to providing an expansion of the commercial store window area of the Boa Vista neighborhood, offered pedestrians an opportunity for alternative routes to the major urban axes, consolidated, both a space for *flânerie* and urban drift, as well as shelter for the new experience of crowds and anonymity that are the foundations of the modern metropolis.

KEYWORDS: *passage building; mixed use; gallery; metropolis; modern architecture.*

Recebido em: 08/04/2024

Aceito em: 24/02/2025

1 SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente artigo resulta de uma pesquisa maior sobre a arquitetura vertical no Recife, em especial o período dos anos 1950 a 1965, momento no qual a cidade do Recife adquire seu *status* de metrópole. O fenômeno da metropolização traz consigo uma remodelação na fisionomia da cidade expressa, dentre outras características, numa expansão urbana acompanhada de uma rápida verticalização na qual a arquitetura ocupará um local de destaque. As características dessa verticalização foram o foco da primeira parte dessa pesquisa, publicada nessa revista sob o título de “Metrópole e arquitetura: o edifício habitacional vertical no Recife, 1950 – 1965”, sendo que, agora, apresentaremos o que consideramos ser um aspecto complementar, mas não menos importante, do fenômeno da metropolização, que é o da permeabilidade urbana, aqui expressa pelo edifício-passagem. A verticalização e a permeabilidade urbana são para nós os símbolos da metrópole moderna e é nesse contexto que o edifício-passagem se destaca. O edifício vertical com galeria-passagem representa uma ampliação das áreas de vitrine comercial da cidade, oferta de lojas, habitação, escritórios e ao mesmo tempo um *locus* privilegiado para percursos alternativos aos grandes eixos urbanos e para o exercício da *flânerie* urbana, fenômeno que tanto caracteriza a metrópole moderna.

Nesse sentido, a pesquisa documentou e analisou 23 edifícios com galerias-passagem (ver figuras 9 e 10) no centro histórico do Recife — bairros de Santo Antônio e Boa Vista —, tendo identificado dois tipos principais: 1) a galeria perpendicular à via pública e que atravessa longitudinalmente o edifício; e 2) a galeria situada no perímetro do edifício e paralelo à via pública.

Como procedimento de pesquisa e análise, obedecemos à seguinte ordem: 1) identificação *in loco* dos exemplos arquitetônicos emblemáticos; 2) pesquisa e fotografia dos edifícios; 3) fotografia das pranchas dos projetos originais nos arquivos da Prefeitura da Cidade do Recife; 4) digitalização das pranchas fotografadas transformando-as em arquivos DWG; e, por fim, 5) análise e classificação tipológica dos edifícios-passagem.

2 INTRODUÇÃO

Embora as principais metrópoles modernistas apresentem edifícios com galerias de passagem, os estudos da área de projeto de arquitetura ainda necessitam de mais levantamentos e análises sobre esse tipo de edifício emblemático da cidade moderna. Com relação à cidade de São Paulo, encontramos referências importantes, como o estudo de Costa (2010) sobre as relações entre o traçado urbano e os edifícios modernistas entre 1938 e 1960, onde se destacam as galerias-passagem, e também o trabalho de Lores (2017) sobre os edifícios verticais — muitos com galeria comercial aberta para a cidade — produzidos pelo mercado imobiliário nos anos 1950 e 1960, mas com relação à cidade do Recife o tema das galerias-passagem ainda carece de estudos.

Na verdade, esse tema, como teorizou Walter Benjamin (1993) nos estudos sobre as passagens parisienses e o fenômeno que lhe é correlato — a *flânerie* urbana —, deve ser visto como ícone da própria metrópole moderna. O espaço das passagens traz a imagem e a atmosfera social das transformações da metrópole moderna, expressando, como mostra Bolle (1994) no estudo interpretativo do pensamento de Benjamin intitulado *Fisiognomia da Metrópole Moderna*, a dialética entre o emergente espaço do consumo capitalista e o lugar do sonho e da ludicidade. Constitui-se também o *locus* privilegiado de um personagem-tipo da modernidade e da metrópole: o *flâneur*. O novo ambiente urbano e arquitetônico com sua diversidade tipológica e social serve também de base para estudos sobre uma nova sensibilidade coletiva, como mostra Leite (2011) em artigo baseado no pensamento de George Simmel sobre a “grande cidade”, onde diz ser a metrópole um “espaço-tipo” de uma nova “experiência sensível”.

Este artigo procura contribuir com o debate sobre a natureza e fisionomia da metrópole através do estudo da materialidade arquitetônica da cidade mais precisamente pela análise da tipologia das galerias passagens da cidade do Recife, tendo o edifício passagem como símbolo da metrópole moderna.

O fenômeno da metropolização foi muito estudado a partir do estudo da expansão urbana e da verticalização, sendo que aqui queremos destacar uma terceira e importante característica daquele fenômeno, que é a permeabilidade urbana tão bem expressa pelo tipo arquitetônico do edifício-passagem.

Conforme veremos, a partir dos anos 1950 no Recife assiste-se à consolidação de um ambiente urbano de características metropolitanas, com grandes avenidas e edifícios verticais modernistas, alguns dos quais com galerias-passagem abertas para o público, configurando um tipo de edifício-passagem. Esse tipo edilício dotado de galerias de lojas propicia uma ampliação da área de vitrine comercial ao mesmo tempo que oferece ambientes de caminhada, consolidando um espaço para a *flânerie* urbana característica das metrópoles emergentes.

Essa tipologia apresenta galerias cobertas para os pedestres em configurações que aparecem tanto ao longo das ruas — à semelhança das galerias dos anos 1940 da Avenida Guararapes — quanto com traçado perpendicular à via pública, criando passagens no interior dos lotes, geralmente interligando mais de uma rua ou avenida.

Os edifícios-passagem com suas galerias representam ao mesmo tempo o momento de afirmação das metrópoles, da arquitetura moderna e de um emergente mercado imobiliário em áreas centrais do Recife.

3 ARQUITETURA URBANA E EDIFÍCIOS-PASSAGENS

Edificações modernistas em altura na região central da cidade do Recife datam dos anos 1950 e 1960 e trazem um tipo de arquitetura na qual, apesar de a legislação daquele período já ter liberado o edifício vertical da implantação periférica do lote e adotado recuos progressivos para os andares, os edifícios, embora produzidos individualmente pelo emergente mercado imobiliário, guardam uma série de artifícios de projeto que favorecem uma leitura urbana de conjunto.

Figura 1: Av. Guararapes



Fonte: Fernando Diniz.

Figura 2: Av. Conde da Boa Vista



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 3: Av. Dantas Barreto/Av. Guararapes



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 4: Av. Siqueira Campos/Edif. Brasília



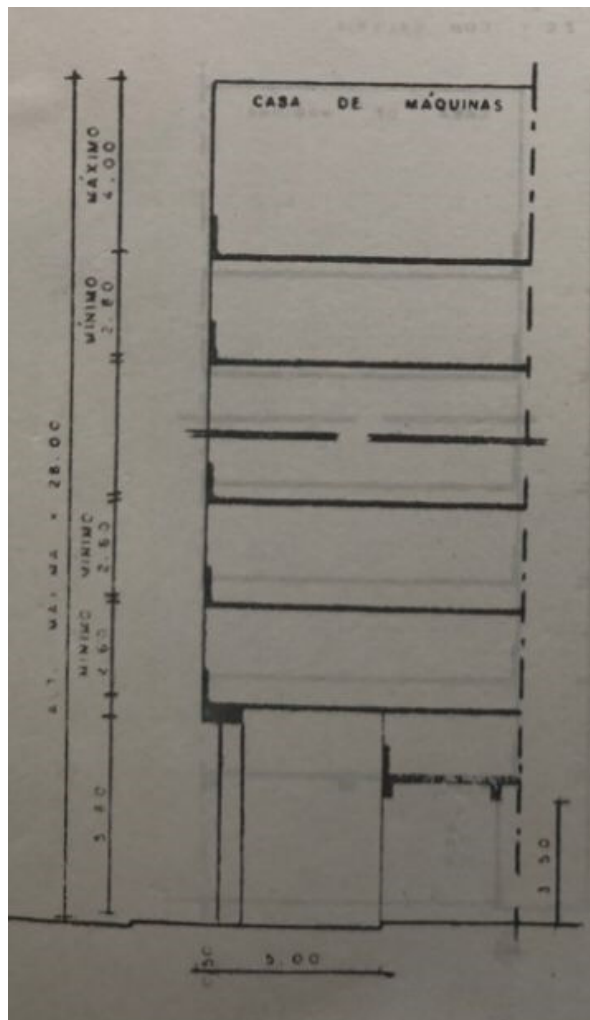
Fonte: Enio Laprovitera.

Essa característica resulta da conformação morfológica própria das áreas centrais e de uma série de legislações — desde decretos anteriores de 1936, 1948, a lei 2.590 de 1953 — e da Lei 7.427 de 1961, que, na definição das áreas comerciais de centro principal, estabeleceu parâmetros e regras urbanísticas dentro de uma proposta de Plano de Quadra para uma região central da capital metropolitana, que era o principal destino de empreendimentos comerciais e habitacionais do emergente mercado imobiliário.

O sentido dessas regras, e como aparece no próprio corpo da lei de 1961, no seu artigo 51, era o de garantir para as novas construções tanto sua viabilidade econômica como o bem-estar da coletividade. Para isso, estabeleceu diversos parâmetros urbanísticos, como coeficientes e taxa de utilização do terreno, recuos e gabaritos, incentivo ao uso misto das edificações, mas também regras urbanísticas que, em nome do bem-estar coletivo, garantem uma aparência de metrópole moderna, o que incluía a qualidade e monumentalidade dos espaços públicos.

Garantiu-se, assim, que os edifícios, mesmo que construídos separadamente, fossem pensados e organizados como que formando quadras, de modo que ficasse garantido o alinhamento e a continuidade entre eles. A base comercial, incentivada pelas legislações e adotada nos projetos dessa região desde início de 1950, oferece espaços para lojas e outros serviços, diversificando a oferta de produtos imobiliários. Ao mesmo tempo, pelo respeito ao alinhamento do conjunto urbano, a qualidade e as proporções da arquitetura de suas galerias, lojas e sobrelojas, e o permanente fluxo de pessoas, reproduz-se o ambiente arquitetônico e urbano das principais metrópoles brasileiras da época.

Figura 5: Corte padrão da edificação com galeria passagem coberta



Fonte: Código de Urbanismo e Obras. Lei 7.427 de 19/01/61. Fig. 15.

Embora o desenho arquitetônico e urbanístico para essa região de centro principal definisse um edifício vertical que poderia chegar a até 15 pavimentos, e obedecessem a recuos progressivos para os andares, a base comercial guardava relações com o alinhamento e o desenho da quadra. Suas galerias e passagens cobertas definiam um ambiente urbano de uso misto, com permeabilidade no andar térreo, garantindo a caminhabilidade ao nível do pedestre, fato reforçado pelo recorrente alinhamento e continuidade entre as marquises dos edifícios.

Figura 6: Av. Conde da Boa Vista / Rua da União



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 7: Rua do Riachuelo / Rua da União



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 8: Edif. Círculo Católico; Rua do Riachuelo



Fonte: Giovanna Arcoverde.

Esses espaços de passagem e comércio aparecem sejam na forma de galerias cobertas ao longo das ruas — à semelhança das galerias dos anos 40 da Av. Guararapes —, sejam com traçado perpendicular à via pública criando passagens internas aos edifícios que, ladeadas de lojas, representam uma expansão da área de vitrines comerciais do centro da cidade.

No caso do Recife, essa tipologia aparece sobretudo na área central da cidade, compreendendo dois núcleos principais: no bairro de Santo Antônio, em torno da Av. Guararapes e Praça do Sebo; e no bairro da Boa Vista, nas imediações Av. Conde da Boa Vista.

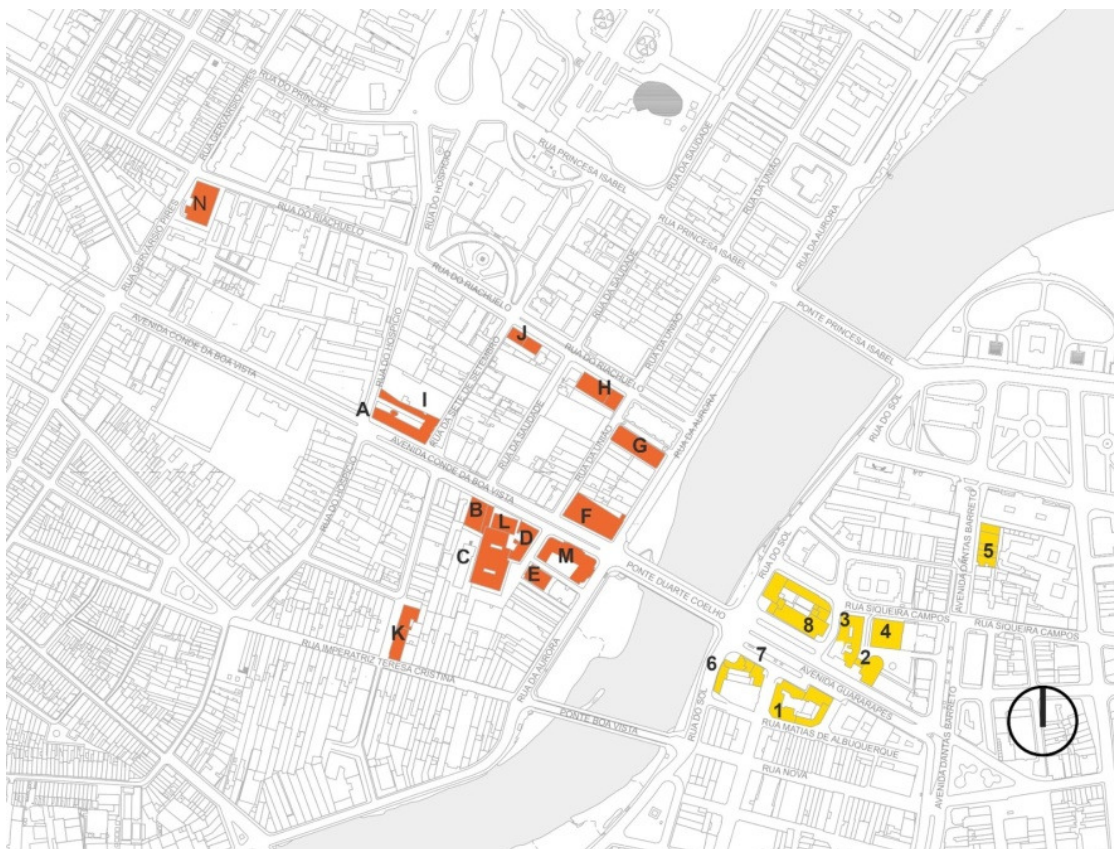
Figura 9: Edifícios-passagem da Boa Vista e Santo Antônio. Perspectiva volumétrica.
Eixo laranja: Av. Conde da Boa Vista. Eixo amarelo: Av. Guararapes.



Fonte: Relatório de Pesquisa (LAPROVITERA, 2021). Digitalização e montagem: Adeilton Feitosa. (Montagem da perspectiva a partir do mapa da cidade disponível no portal da Prefeitura da Cidade do Recife: Esig Informações Geográficas do Recife: www.recife.pe.gov.br/esig).

Essas edificações com galeria-passagem de lojas comerciais no térreo e sobreloja aparecem em edifícios de uso habitacional, mas também nos de uso comercial e de escritórios.

Figura 10: Edifícios-passagem da Boa Vista e Santo Antônio. Planta de situação.



EDIFÍCIOS-PASSAGEM e Edif. com GALERIA da AV. GUARARAPES (em cor amarela) e da AV. CONDE DA BOA VISTA (em cor laranja).
Legenda:

EDIFÍCIOS-PASSAGEM e Edif. com GALERIA da AV. GUARARAPES (em cor amarela)

1. Edif. Edvaldo dos Santos e Edifício INAMPS. End.: Av. Guararapes, 233;
2. Edif. Almare + Anexo. End.: Av. Guararapes, 154;
3. Edif. Continental. End.: Rua Siqueira Campos, 44;
4. Edif. Brasília (1957) . End.: Rua Siqueira Campos, 279;
5. Edif. Santo Antônio (1963). End.: Av. Dantas Barreto, 191;
6. Edif. Trianon. End.: Av. Guararapes, 283;
7. Edif. Sertã. End.: Av. Guararapes;
8. Edif. Correios. End.: Av. Guararapes, 250

EDIFÍCIOS-PASSAGEM da AV. CONDE DA BOA VISTA (em cor laranja):

- A. Edif. Pirapama (1956). End.: Av. Conde da Boa Vista, 250;
- B. Edif. Canadá (1957). End.: Av. Conde da Boa Vista, 149;
- C. Edif. Novo Recife (1959) End.: Praça Machado de Assis, 66;
- D. Edif. Santa Rita (1962). End.: Av. Conde da Boa Vista, 85;
- E. Edif. Teresa Cristina (1954). End.: Praça Machado de Assis, 63;
- F. Empresarial Pessoa de Melo (1972). End.: Av. Conde da Boa Vista, 50;
- G. Edif. São Cristóvão (1971). End.: Rua da Aurora, 295.
- H. Edif. Círculo Católico. End.: Rua do Riachuelo, 105;
- I. Edif. João Murilo. End.: Rua Sete de Setembro, 261;
- J. Edif. Almirante Barroso. End.: Rua do Riachuelo, 189;
- K. Edif. Independência (1955). End.: Rua Sete de Setembro, 42;
- L. Edif. Tabira (1957). Projeto: End.: Av. Conde da Boa Vista, 121;
- M. Edif. Duarte Coelho. End.: Av. Conde da Boa Vista, 45;
- N. Edif. Walfrido Antunes (1956). End.: Rua Gervásio Pires, 436.

Fonte: Relatório de pesquisa (Laprovitera, 2021). Digitalização e montagem: Adeilton Feitosa. A partir da Unibase-Recife.

Em edifícios de escritórios, temos, por exemplo, o Edif. Continental, de Delfim Amorim e Lúcio Estelita, datado de 1956; o Edif. Brasília, projetado em 1957 pelo engenheiro Lisanel Motta — ambos nas imediações da Av. Guararapes e Praça do Sebo —; o Edif. Independência, projetado em 1966 por Delfim Amorim e Heitor Maia Neto; e também os edifícios Tereza Cristina e Tabira, projetados por Hugo Marques em 1954 e 1957, respectivamente.

Figura 11: Edif. Continental (1956). Projeto: Delfim Amorim e Lúcio Estelita



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 12: Edif. Brasília (1957). Projeto: Lisanel de Melo Motta



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 13: Edif. Brasília (1957). Projeto: Lisanel de Melo Motta



Fonte: Enio Laprovitera.

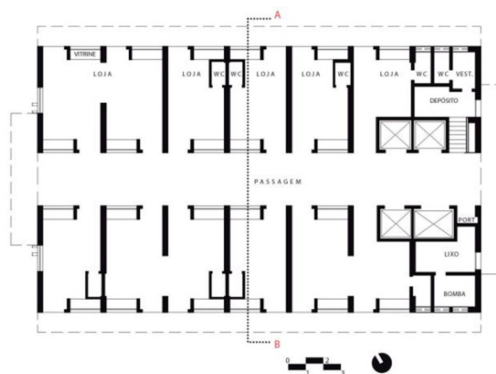
Essas galerias apresentam traçado retilíneo e, na sua maioria, de pouca profundidade caso comparadas aos exemplos europeus. Geralmente abrigam lojas comerciais e a recepção das circulações verticais que dão acesso aos escritórios ou apartamentos situados nos andares superiores. A galeria-passagem serve, então, aos usuários ou moradores dos andares superiores, mas também concomitantemente ao pedestre em sua trajetória comercial ou de simples *promenade* pela cidade.

Figura 14: Teresa Cristina (1954). Projeto: Hugo Marques



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 15: Planta do tipo. Edif. Teresa Cristina (1954). Projeto: Hugo Marques



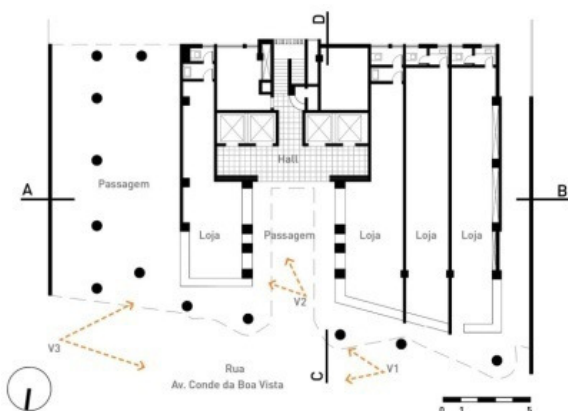
Fonte: Pesquisa (Laprovitera, 2021). Dig.: Matheus Dantas.

Figura 16: Edif. Tabira (1957). Projeto: Hugo Marques.



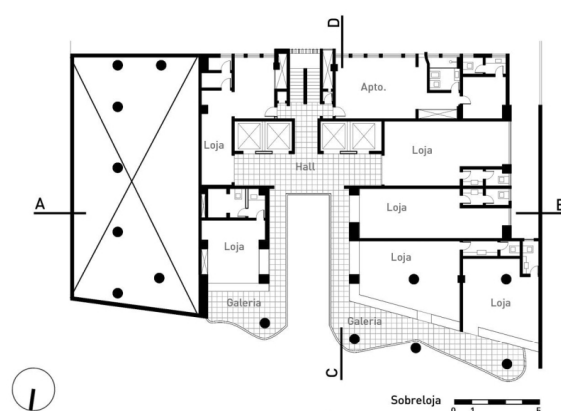
Fonte: Relatório de Pesquisa (Laprovitera, 2021). Foto: Adeilton Feitosa.

Figura 17: Térreo, Edif. Tabira (1957). Projeto: Hugo Marques.



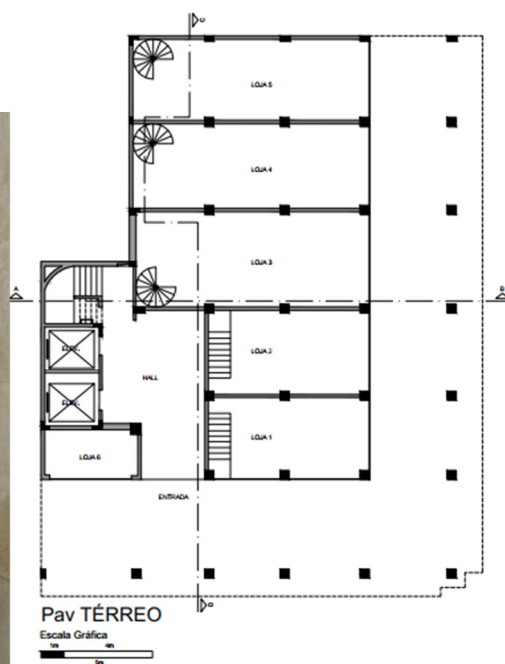
Fonte: Pesq. (Laprovitera, 2021). Dig.: Adeilton Feitosa.

Figura 18: Sobreloja, Edif. Tabira (1957). Projeto: Hugo Marques.



Fonte: Pesq. (Laprovitera, 2021). Dig.: Adeilton Feitosa.

Figura 19 e 20: Edif. Independência (1966). Projeto: Delfim Amorim e Heitor Maia Neto.



Fonte: Foto, Enio Laprovitera, e planta do térreo, pesq. (LAPROVITERA, 2021). Digitalização: Danrlei Andrade.

O mesmo acontece em edifícios residenciais, a exemplo das galerias passagens dos edifícios Canadá (1957); Pirapama (1959), na Av. Conde da Boa Vista; Walfrido Antunes (1956), na Rua Gervásio Pires; e Santa Rita (1961), entre a Av. Conde da Boa Vista e a Praça Machado de Assis. O Edif. Pirapama é projeto de Delfim Amorim e Lúcio Estelita, de 1959; o Edif. Santa Rita é assinado por Delfim Amorim em 1961; e o Walfrido Antunes tem autoria de Waldecy Pinto, tendo sido projetado em 1956.

Figura 21: Edif. Canadá (1957).



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 22: Edif. Canadá (1957).



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 23: Edif. Pirapama (1959), de Delfim Amorim e Lúcio Estelita.



Fonte: Enio Laprovitera.

Existem situações que, devido à conformação da quadra, o edifício-passagem apresenta lojas voltadas para uma galeria interna e lojas voltadas diretamente para a rua ou avenida, como é o caso do Edif. Pirapama e o Edif. Santa Rita, ambos no bairro da Boa Vista. O Edif. Santa Rita apresenta inclusive um tipo particular de galeria interna que não se configura como passagem e que serve a 7 lojas, sendo 3 delas com menor

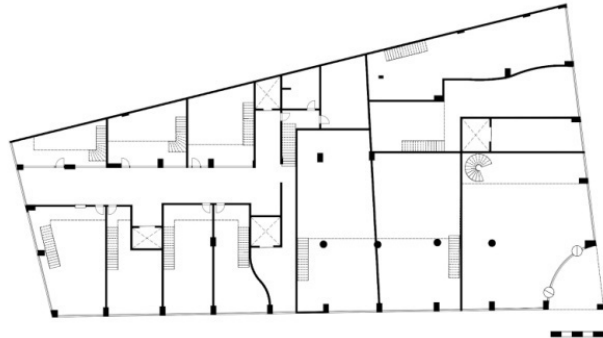
metragem alimentada por circulação única de acesso totalmente interna e que serve de acesso secundário das lojas que dão diretamente para a rua, numa clara estratégia de hierarquização de acessos e tipologias comerciais distintas, além da maximização da área comercial vendável.

Figura 24: Edif. Santa Rita (1961). Projeto: Delfim Amorim.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 25: Térreo. Edif. Santa Rita (1961).



Fonte: Pesquisa (Laprovitera, 2021). Digitalização: Júlia Medeiros.

Já o Edif. Walfrido Antunes, projeto de Waldecy Pinto de 1956, por sua vez, representa um dos primeiros edifícios verticais modernistas cuja solução com galerias comerciais de passagem procurava levar a dinâmica comercial existente na Av. Conde da Boa Vista para o entorno imediato, que na época ainda estava fora da forte dinâmica comercial e habitacional do centro, favorecendo ainda através da sua galeria uma passagem ligando trecho da Rua Gervásio Pires com a Rua do Príncipe.

Figura 26: Edif. Walfrido Antunes (1956). Projeto: Waldecy Pinto. Figura 27: Edif. Walfrido Antunes (1956). Projeto: Waldecy Pinto.



Fonte: Pesquisa (Laprovitera, 2021). Foto: Adeilton Feitosa.



Fonte: Pesquisa (Laprovitera, 2021). Foto: Adeilton Feitosa.

Figura 28: Edif. Walfrido Antunes (1956). Corte da base comercial com galeria interna. Projeto: Waldecy Pinto.



Fonte: Pesquisa (LAPROVITERA, 2021). Digitalização e desenho: Adeilton Feitosa.

Esses edifícios com galeria-passagem foram construídos até pelo menos a década seguinte, a exemplo do Edif. São Cristóvão projetado por Alex Lomanchisky em 1971 e situado na Rua da Aurora, na beira do Rio Capibaribe.

Figura 29: Edif. São Cristóvão (1971). Projeto: Alex Lomanchinsky.



Fonte: Enio Laprovitera.

Esses clássicos exemplos modernistas dos anos 1950-60, dotados de uso misto e galeria-passagem, reproduzem, de certa maneira, uma tipologia característica da emergente cidade moderna nos EUA e Brasil, inclusive dos paradigmáticos edifícios-passagem parisienses do século XIX, que foram construídos em área central de habitação e comércio e com proximidade a equipamentos culturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse tipo edifício aparece no ambiente de formação das metrópoles modernas e se associam às demandas por novas habitações, lojas e escritórios comerciais, além da modernização do espaço público submetido ao transporte automotivo e também a nova experiência da multidão urbana.

Na Europa, em especial na França, o edifício-passagem se consolida em meados do século XIX, criando uma tipologia que articula duas ou mais ruas tendo no térreo usos comerciais e culturais e nos andares superiores habitação.

Figura 30: Galerie Vivienne, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 31: Galerie Vivienne, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

Figura 32: Galerie Vero-Dodat, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

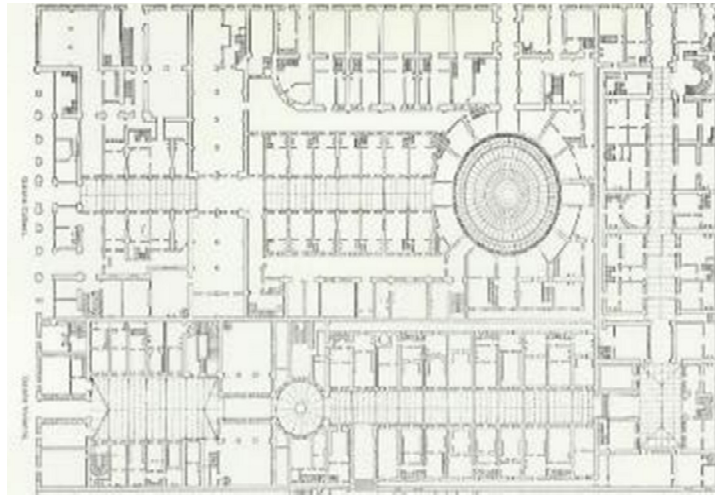
Figura 33: Galerie Vero-Dodat, Paris.



Fonte: Enio Laprovitera.

A edificação é composta, como apontam Laprovitera e Moraes (2023), por três elementos principais: 1) o “portal” de acesso que serve às unidades comerciais, mas também às habitações dos andares superiores; 2) a “galeria-passagem”, lugar de estar e circulação e que conduz o morador à circulação vertical que alimenta os apartamentos e os usuários às lojas ou à rua externa; e 3) os “espaços comerciais e de serviço” do térreo prioritariamente acessados pela galeria-passagem. O percurso de uma rua a outra é feito através de uma diversidade de ambientes no que se refere a formatos e dimensões, simulando uma situação de rua urbana embora tratada com uma atmosfera de mistério e surpresas, mais lembrando um labirinto. Esses edifícios localizam-se em áreas centrais providas de comércio e importantes equipamentos culturais, servindo de área de expansão de comércio, serviços e espaços culturais.

Figura 34: Planta baixa. Galeria Vivianne (em baixo) e Galeria Colbert (em cima).



Fonte: Delorme; Dubois, 2002, p.94. Fotografia: Martine Mouchy.

No caso do Recife, os edifícios-passagem aparecem, excetuando-se a intervenção da Av. Guararapes nos anos 1940, sobretudo a partir de 1950 nos bairros de Santo Antônio e Boa Vista, onde, além do intenso uso comercial, tinham-se em atividade na época vários equipamentos culturais, como o Teatro do Parque e o tradicional Cinema São Luís — mas, se considerarmos o contíguo Bairro de Santo Antônio, mais três outros importantes cinemas da cidade: Trianon, Art-Palácio e Moderno, além do Teatro Santa Isabel, na parte norte do bairro de Santo Antônio.

Na nossa cidade, essas galerias apresentam traçado mais retilíneo e com menos profundidade que os exemplos europeus e se consolidam em concomitância com a afirmação do edifício modernista. Aparecem tanto em edificações habitacionais como comerciais, e seu desenho ora acontece ao longo da rua, abrigando a calçada pública, ora no interior do lote, favorecendo uma passagem livre entre ruas.

Essa mesma tipologia aparece nesse período nas áreas centrais e de expansão urbana no Rio de Janeiro e São Paulo, como pode ser observado no estudo de Lores (2017), intitulado *São Paulo nas Alturas*.

Na verdade, trata-se de um momento de afirmação das emergentes metrópoles brasileiras, expresso numa importante remodelação do sistema viário da cidade, espaços públicos, e a progressiva e marcante presença da verticalização da cidade. Surge uma variedade de tipos edifícios com os mais diversos usos, inclusive, a tipologia do edifício passagem comercial ou habitacional que será um dos símbolos desse período.

5 REFERÊNCIAS

- BALTAR, Antônio Bezerra - **Diretrizes De Um Plano Regional Para O Recife**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco. Publicação original de 1951, 2001.
- BENJAMIN, Walter – Paris, **Capitale du XIXème Siècle. Le Livre des Passagens**. Paris: Les Éditions du Cerf. 2^a édition, 1993.
- BOLLE, Willi – **Fisiognomia da Metrópole Moderna**. Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: FAFESP/Edusp, 1994.
- COSTA, Sabrina Studart Santenele - **Relações entre o traçado urbano e os edifícios modernos no Centro de São Paulo**. Arquitetura e Cidade (1938/1960). FAUUSP: Tese de Doutorado. 2010.
- DELORME, Jean-Claude; DUBOIS, Anne-Marie. **Passages Couverts Parisiens**. Paris: Éditions Parigramme, Fotografia: Martine MOUCHY, 2002.
- LAPROVITERA, Enio – Relatório de pesquisa. **Os Edifícios passagens de uso misto nos bairros de Stº Antônio e Boa Vista em Recife**. Pesquisa aprovada na PROEXC e no Departamento de Arquitetura (processo nº 23076.062823/2020-85). Recife: UFPE. 2021.
- LAPROVITERA e MORAES – **O Edifício-passagem como tema de ensino na UFPE**. UFRN: Revista Projetar, 23, v8, N2, Maio. 2023.

LEITE, Julieta M. de Vasconcelos – **A metrópole como espaço-tipo de uma experiência sensível**. São Paulo: Cad. Metrop. São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 451-459, jul./dez. 2011.

LORES, Raul Juste – São Paulo nas Alturas. **A Revolução Modernista da Arquitetura e do Mercado Imobiliário nos Anos 1950 e 1960**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

RECIFE. **Código de Urbanismo e Obras. Lei 7.427 de 19/01/61**. Prefeitura da Cidade do Recife. Secretaria de Planejamento e Urbanismo, 1961.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.